

BORIS KARLOFF

OU A CIÊNCIA DO FANTÁSTICO

Ele nasceu em Dulwich, Inglaterra, aos 23 de novembro de 1887. Ele chamava-se na vida real, William Henry Pratt. Ele criou a “marca registrada” do horror! Ele foi aquele que interpretou *Frankenstein*, assustando milhões de pessoas em todo o mundo, vivendo o “monstro” mais “sagrado” e famoso do Cinema. Ele na realidade era um homem que apreciava crianças, flores e jardinagem! Ele, o fabuloso Boris Karloff.

A carreira de Boris Karloff não foi aquela que sua família planejava. Seu pai, funcionário público, morreu deixando nove filhos e Karloff era o menor. Seus irmãos queriam que ele ingressasse no serviço consular britânico e o proibiram de atuar em programas da igreja de sua cidade. Mas, em 1909, ele deixou tudo e foi para o Canadá. Trabalhou como peão até ganhar o primeiro papel de ator. E, daí por diante não mais parou, vivendo sempre com a “maquagem do horror” em seu rosto. Residiu durante 50 anos nos Estados Unidos, sem contudo abandonar a cidadania britânica.

Atuou em programas de televisão, como mestre de cerimônias. Mas, não deixou de aproveitar as oportunidades que o cinema lhe oferecia, todas elas em papéis sem muita importância, em filmes “sofisticados”, sobre monstros e cientistas loucos. Seu último desempenho nas telas foi no filme “Sob o Poder da Maldade”, com direção de Michael Reeves.

O culto ao “horror”, tema preferido de Karloff, estendeu-se também ao “vampirismo”; e ambos serviram como fonte para escritores, poetas, homens de letras. Desde Goethe, que foi o primeiro a perceber o grande potencial literário a ser aproveitado, ao escrever o poema “A noiva de Corinto”, em fins do século XVIII – nessa época, a “vampirologia” começava a passar de folclore a lenda popular, para matéria literária, através da Escola Romântica. A publicação do poema foi muito comentada e atacada, dando margem a que o assunto ficasse definitivamente transformado em tema literário, passando posteriormente a ser aceito como ficção.

Na literatura brasileira, abraçou o gênero “vampiresco” e do “horror”, o escritor Dalton Trevisan, com seu livro “O Vampiro de Curitiba”.